A perspectiva das mulheres sobre o interesse do homem pelo bordado em Passira-PE: Um estudo exploratório

Karine Maria Silva de Lima, Michelle Maria Barreto de Souza[1], Etienne Amorim Albino da Silva[2]

Resumo:

A história do bordado acompanha, há muito tempo, a história das mulheres, por ser considerado um trabalho puramente feminino, contudo, observa-se na cidade de Passira que esta atividade não é determinada pelo sexo. Para tanto, homens e mulheres estão inseridos no bordado, criando e recriando peças com belezas distintas, sem o gênero interfira ou influenciem na perfeição, produção e qualidade das peças.

Palavras-chaves: Bordado, Trabalho e Gênero

ABSTRACT:

The history of the embroidery accompanies, there is a long time, the women's history, for a work to be considered purely feminine, however, it is observed in the city of Passira that this activity is not determined by the sex. For so much, men and women are inserted in the embroidery, creating and creating again pieces with different beauties, without the gender interferes or influence in the perfection, production and quality of the pieces.

Word-keys: Embroidery, Work and Gender

[1] Estudantes do curso de Economia Doméstica do Departamento de Ciências Domésticas, UFRPE. E-mails: karine_lyma@yahoo.com; michelle-mmbs@hotmail.com;

[2] Professora do Departamento de Ciências Domésticas, UFRPE. E-mail: etienneaas@hotmail.com

Introdução

Passira é uma cidade localizada na região do agreste setentrional de Pernambuco e se destaca pela produção artesanal do bordado, na confecção de peças de cama, mesa e vestuário, mobilizando grande parte da população feminina.

Dos poucos mais de trinta mil habitantes do município, pelo menos seis mil dedicam-se à arte de bordar, que hoje representa uma das maiores atividades econômicas da cidade. Porém, nem só do bordado vive Passira, uma vez que conta com uma pecuária de corte e com a plantação de milho, sendo esta agricultura tradicionalmente considerada como um dos maiores plantadores do estado de Pernambuco.

No entanto, apesar de outras atividades econômicas existentes é indiscutível que falar desta localidade é alocar a sua marca patrimonial: o bordado, sendo este considerado um trabalho puramente feminino, pois são exigidas delicadeza, leveza e paciência, e outras características que são atributos femininos. A mulher é fundamentalmente marcada na arte do bordar e que se acredita que esta atividade seja ainda um papel apenas do gênero feminino por ser um trabalho demorado, delicado e requerer muita paciência nos traços.

Portanto, quem lida com o bordado tem que saber lidar com a marca de um trabalho que demora e que necessita ser paciente para que dele se desvele a sensibilidade para fazer escolhas harmoniosas de cores, acabamentos bem feitos e de traços leves. A esse conjunto de características foi permitido afirmar que os traços femininos, corroboraram para a consolidação de que o bordado é uma atividade reconhecida do gênero feminino e que faz parte de uma tradição familiar passado de mãe para filha de geração a geração.

Na cidade de Passira-PE não é diferente. Porém, com o passar dos anos a economia desta cidade passa a fazer parte do mundo globalizado atravessando fronteiras regionais e internacionais, impactando na mão de obra local, levando a mão rude do homem da agricultura à delicadeza do trabalho artesanal – o bordado, transformando a arte de bordar em algo rentável e menos desgastante que o trabalho escaldante do campo.

Na *Encyclopédie* de Diderot et D'Alembert, publicada na segunda metade do século XVIII e que é uma extraordinária fonte de informação acerca

das artes e técnicas do passado, inclusive nas suas dimensões sociais e culturais, não há a denominação de entrada *brodeuse*, "bordadeira", mas unicamente *brodeur*, no masculino ou bordadeiro na língua portuguesa. Na verdade esta palavra soa hoje, tanto para o ouvido francês, quanto português de maneira tão estranha ou pelo menos surpreendente.

Porém, de acordo com Chagas (2005), a história do bordado acompanha, há muito e muito tempo, a história das mulheres, trazendo as marcas delas em diferentes espaços e tempos, 'alinhavadas' por um modo e tempo feminino de ser, fazer e viver. As mulheres, com gestos especiais com os quais desejam realçar, o amor, a saudade, a solidão, suas necessidades e suas possibilidades, vão indicando, a quem se dedica a compreender, a exploração a que são submetidas há séculos.

Diante de tal realidade, o presente trabalho desenvolveu - se a partir de alguns questionamentos, como: Qual a participação do homem no bordado em Passira? Quais as atribuições do gênero feminino e masculino no bordado de Passira? Será que o homem de Passira se ajustou à nova atividade de trabalho? Assim, o objetivo deste trabalho foi identificar, como se dá, nos dias atuais, o interesse do homem no bordado de Passira- PE, na perspectiva da mulher passirense.

Metodologia

Participaram deste estudo exploratório, 14 mulheres moradoras da cidade de Passira-PE. Todas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, conforme a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. O material utilizado foi entrevista semi - estruturada, coletadas nos boxes das bordadeiras na cidade pesquisada.

Resultados e Discussões

Em relação à primeira pergunta que trata do interesse pelo bordado, 28,57% (4) das mulheres responderam ser tradição familiar, embora 57,15% (8) revelaram necessidades financeiras, enquanto que 14,28% (2) outros motivos, por exemplo, ter ensinado a arte de bordar ao marido. Um fato interessante foi que nenhuma aferiu a condição de aptidão para o bordado.

Quando perguntamos a respeito de alguma classificação para o bordado, no que diz respeito às atividades realizadas entre homens e mulheres como passar, engomar e bordar, 92,86% (13) respondeu que não havia tarefas distintas entre ambos os sexos e apenas 7,14% (1) aferiu a condição que havia tarefas realizadas apenas por mulheres ou por homens, ou seja, ambos os sexos realizam atividades em comuns, tais como: lavam, engomam e passam as peças bordadas, não havendo distinções de tarefas realizadas especificamente para o sexo masculino e para o sexo feminino.

No entanto, durante as entrevistas, deixaram escapar que ao homem era-lhe dado à tarefa do acabamento, enquanto que riscar, bordar e escolher as cores das peças, ainda ficava a cargo das mulheres e que três pessoas da família do gênero feminino assumiam esta tarefa.

Já em relação à terceira pergunta que versava se o bordado era considerado um trabalho puramente feminino. Obtivemos as seguintes respostas: 92,85% (13) responderam que não e só 7,15% (1) que sim. Assim, diante de uma situação econômica, todos colaboram com a renda familiar, sem que haja discriminação na atividade desenvolvida pelos homens. Mesmo visualizando nas respostas das mulheres que o trabalho artesanal dos homens é algo normal e que faz parte do cotidiano delas, um fato intrigante foi à dificuldade de encontrar homens realizando a atividade de bordar em lugares públicos, tal como foi encontrado largamente pelas mulheres.

Diante desta observação foi então perguntado a todas as entrevistadas qual seria o motivo. Todas foram categóricas, afirmando que a sua presença é mais visível no mercado da revenda das peças, do que vê-los confeccionando-as. De acordo com as mulheres, eles têm vergonha e normalmente ficam na parte interna da casa, sem serem percebidos pelos visitantes que adentram nos boxes, onde este espaço, na sua grande maioria, faz parte da própria moradia da mulher bordadeira, poucos são aqueles que alugam um espaço na cidade para expor a sua produção.

Quando perguntamos se o bordado era uma atividade para ambos os gêneros. 100% (14) das entrevistadas responderam que o bordado é sim uma atividade tanto para as mulheres, quanto para os homens, embora admitam que a maior parte do bordado fique a cargo da mulher. Por este motivo, na pergunta seguinte, houve uma divisão nas respostas das entrevistadas, pois

uma parcela, 57,14% (8), admite haver diferenças na confecção de peças produzidas entre homens e mulheres, uma vez que na peça confeccionada, a eles cabem os acabamentos, poucos são aqueles que bordam. No entanto 42,86% (6) disseram não haver diferença. Talvez aqui o acabamento fosse considerado como uma parte essencial para a finalização da peça e foi considerada uma participação importante do gênero masculino.

Conclusão

De acordo com Saffioti (1996:179) com a urbanização e a industrialização, a vida feminina ganhou novas dimensões não porque a mulher tivesse passado a desempenhar funções econômicas, mas em virtude de se terem alterado profundamente os seus papéis, no mundo econômico e atualmente junto com os homens competem no mercado de trabalho igualitariamente.

No caso específico deste trabalho, percebemos o trabalho de bordar sendo produzido igualitariamente mesmo com suas especificidades. Deste modo, observamos que a arte de bordar ainda é considerada um papel do sexo feminino por ser um trabalho mais delicado e que requer muita paciência nos traços, porém encontramos homens nessa atividade, apesar de que na grande maioria ocultam que bordam ou que ajudam a família através do bordado produzido.

Visualizando o trabalho produzido por homens e por mulheres na cidade de Passira, não se consegue distinguir diferenças nas peças, pela tamanha perfeição minuciosa do bordado. A maioria das vezes, a colaboração masculina ao bordado surge da curiosidade em entrelaçar os fios de algodão, porém esta curiosidade se faz a partir da remuneração que o bordado produz as mulheres. A partir do interesse monetário que é o ponto motivacional, partem para ajudar na produção de peças.

No lado feminino, o bordado é uma tradição familiar e uma atividade de sobrevivência financeira, que termina sendo sua única forma de garantir a renda familiar para obter condições básicas de vida, como alimentação, habitação e vestuário.

Enfim, a arte de bordar na cidade de Passira Pernambuco é uma atividade laboral de homens e mulheres, mesmo os homens não possuindo ainda a identidade de pertencimento em ser bordadeiro, estes praticam esta atividade com a mesma dedicação das mulheres, ou até mesmo melhor como afirma uma bordadeira local "*Os homens também tem as mesmas capacidades e muitos até bordam melhor*", Luzinete Gomes da Silva, 66 anos.

Referências

CHAGAS, Claudia R. R. P.das. Bordado como expressão de vida: gênero, sexualidade. Reunião anual da Anped-Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. *28a Reunião Anual*, GE 23. 2005

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós- estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.